

ANÁLISE DISCURSIVA DA IDENTIDADE DE TORCEDORES DO SANTA CRUZ FUTEBOL CLUBE EM SUAS POSIÇÕES-SUJEITO

Dalexon Sérgio da SILVA ¹

Nadia Pereira Gonçalves de AZEVEDO ²

Resumo: Este trabalho analisa o discurso acerca da identidade de torcedores do Santa Cruz Futebol Clube do Recife, a partir da análise da imagem de quatro torcedores símbolos deste clube. Estas imagens foram divulgadas no site oficial do Santa Cruz em 2014 (ano de seu centenário) e mostram esses torcedores inscritos noutras posições-sujeito para enunciarem, ao produzirem efeitos de sentido nas condições de produção do discurso desportivo em vários estádios em que o Santa Cruz joga futebol. Desta forma, pretende-se contribuir para a ampliação de pesquisas acerca do discurso desportivo no Brasil. Para tal, este trabalho mobiliza o aporte teórico e analítico da Análise do Discurso de linha francesa.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Identidade. Futebol

Abstract: *This work analyzes the discourse about the identity of fans of the Santa Cruz Football Club of Recife, from the image analysis of four symbolic fans of this club. These images were published on the official website of the Santa Cruz in 2014 (year of its centenary) and show these fans enrolled in other subject positions to enunciate, by producing effects of senses in the conditions of production of the sports speech in several stages in which the Santa Cruz Plays football. In this way, it is intended to contribute to the expansion of research on sports discourse in Brazil. To this end, this work mobilizes the theoretical and analytical contribution of the French Line Discourse Analysis.*

Keywords: *Discourse. Subject. Identity. Football.*

¹ Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP em Programa de Doutorado-sanduiche no exterior – PDSE, na Universidade de Lisboa – Portugal. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa – Portugal. E-mail: dalexon@uol.com.br

² Professora adjunta II, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

Considerações iniciais

Segundo Rodrigues (2013), a prática de futebol é tão ligada à cultura do brasileiro que muitas vezes é capaz de revelar os sentimentos daqueles que dedicam grande parte do seu tempo a esse esporte, que chega a ser visto como uma religião pelos torcedores. Nesse viés, por exemplo, pode-se dizer que, ao enunciar a partir da posição-sujeito de Jesus tricolor, o torcedor do Santa Cruz Futebol Clube favorece o atravessamento do discurso religioso no discurso desportivo brasileiro.

De acordo com Brito (2014), o Santa Cruz Futebol Clube foi fundado por onze jovens pobres da periferia do Recife (PE), em 03 de fevereiro de 1914, num período durante o qual o futebol era privilégio apenas para a elite branca local, pois, segundo Campean (2012, p. 63) “o futebol implanta-se no Brasil como desporto elitista”. Logo, o Santa Cruz surge como proposta de inclusão social, sendo o primeiro clube do Estado pernambucano a permitir que um negro pudesse jogar futebol, provocando um marco histórico nesse Estado do Nordeste. Desse modo, segundo Alves (1998), o Santa Cruz convida e credencia o Jogador negro Lacraia em seu clube desportivo, em meio a um ambiente extremamente preconceituoso no mundo elitista hermético desportivo pernambucano.

Assim, com esta proposta de luta pela inclusão social, o Santa Cruz Futebol Clube vai crescendo em grandes proporções no meio do povo do Nordeste até os dias mais atuais, passando a ter, hoje, uma legião de milhões de fãs, de sujeitos que ocupam a posição-sujeito de torcedores tricolores, também chamados de corais, sendo seu time, inclusive, considerado no ano de 2011, como possuidor da 39ª média de público dos clubes de futebol do mundo, ocupando a posição de destaque na imprensa internacional, principalmente, no jornal espanhol *Marca.com*, em 01/10/2011 e no jornal da Inglaterra, *The guardian*, em 12/04/2016. No Brasil, também se torna constante destaque nas páginas dos principais meios de comunicação, a exemplo do site do *Globoesporte*, que trouxe, em dezembro de 2011, a seguinte manchete de capa: “Santa Cruz chega ao fim de 2011 liderando média de público no Brasil”, ao ficar em primeiro lugar, com a média de 36.916 torcedores por partida, deixando para trás times da Série A, a exemplo do Corinthians (29.424). A manchete mostrou que os maiores públicos tricolores foram anotados nos embates diante do Treze-PB – quando o time confirmou a vaga na Série C, com a presença de 59.966 torcedores –, e a final da competição contra o Tupi-MG. Na ocasião, o estádio do Arruda recebeu 54.815 pessoas, repetindo-se também recordes de público nos anos seguintes.

Desse modo, por atrair a atenção da mídia nacional e internacional pela representatividade social de sua torcida, em 2017, o site *blogs.ne10.uol.com.br* trouxe como destaque a seguinte reportagem de capa: “Santa Cruz bate recorde de público na Série B”, ao mostrar na matéria a torcida do Santa Cruz como dona do maior público da Série B, ao levar 44.865 torcedores para o estádio do Arruda no Recife, no jogo contra o Botafogo. Desse modo, a cada jogo, milhares de torcedores tricolores colorem as ruas da capital pernambucana em suas três cores: preto, branco e vermelho, fantasiados com alegorias e adereços que marcam traços identitários da torcida tricolor, apresentada pela mídia como “a torcida mais apaixonada do Brasil”.

Acerca do exposto, ainda de acordo com Brito (2014), pode-se perceber que alguns desses sujeitos tricolores se destacam. Dentre esses sujeitos destaques, em suas posições-sujeito, podem-se citar: o Jesus Tricolor, o Homem-Aranha Tricolor, o Super-Santa Tricolor e o Elvis Presley Tricolor. A representatividade social e a força da torcida tricolor fizeram o Santa Cruz receber as alcunhas de “o mais querido” e de “o time do povo”, funcionando discursivamente como instituição de memória, conforme nos mostra Campean (2012, p. 109) ao dizer que “o clube não é o que é, mas o que dizem dele, e seu papel como instituição de memória estará atrelado a esse já-dito, a essa formação discursiva e à memória discursiva, isto é, o interdiscurso”. É desse modo que, tocado pelas formações imaginárias, o Santa Cruz, por meio dos seus sujeitos tricolores, se inscreve numa memória para enunciar, para a produção de sentidos.

O fundador da Análise do Discurso de linha francesa, Pêcheux (1969), mostra que é pelo viés da forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada formação discursiva com a qual ele se (des) identifica. Desse modo, pode-se inferir que esses tricolores se desidentificam da formação discursiva de *torcedor tricolor tradicional* (aquele que se veste com a camisa do seu time e anda com faixas e bandeiras) e se inscreve noutra formação discursiva para produzirem sentidos a partir da posição-sujeito de *super-heróis e personagens religiosos*, como o Jesus Cristo, que é o maior ícone do cristianismo, assumindo, desta forma, novas identidades.

Para Bauman (2005) a identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário. O refletir sobre se ter uma identidade não ocorre enquanto se acredita em um pertencimento, mas quando se pensa em uma atividade a ser continuamente realizada, desse modo, ele entende a identidade como mutação permanente.

Com enfoque na identidade cultural, Hall (2001) apresenta o conceito como aspecto de nossa identidade que surge de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O autor entende que as condições atuais da sociedade estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações sociais" (HALL, 2001, p.9).

A Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD, nesta interface com os Estudos Culturais, centrada principalmente nos estudos de Pêcheux (1969), na Europa, e Orlandi (2001) no Brasil, nos traz elementos teóricos e analíticos pertinentes em relação ao sujeito que se observa nesta pesquisa, ao papel da memória e ao discurso em suas condições de produção.

Ao observar tais aspectos demonstrados, questões se fizeram presentes:

Como o discurso acerca da identidade de torcedores do Santa Cruz, nessas imagens, significa?

Que efeito de sentidos é produzido a partir do que há em comum entre essas imagens analisadas?

Como se apresenta a memória discursiva acerca da identidade de torcedores do Santa Cruz nessas imagens?

Será que todas as imagens analisadas trazem um discurso já-dito, cristalizado sobre a identidade dos torcedores do Santa Cruz Futebol Clube?

A Análise do Discurso de linha francesa (AD)

É no transcorrer dos anos 60 e 70 que afloram na França importantes discussões aprofundadas e rupturas em torno do materialismo histórico de Althusser, da Linguística Estrutural de Saussure e da Psicanálise, com a releitura lacaniana de Freud. É nesse direcionamento que a Análise do Discurso se apresenta como uma desdisciplina, pois é articulada no entremeio de três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise. Orlandi (2007) a alcunha assim para substituir *interdisciplinaridade*. A autora recusa essa noção, levando-se em consideração que uma disciplina precisa ser dominante em relação à outra para que a interdisciplinaridade se estabeleça. Logo, a AD é de entremeio porque se move no espaço entre a linguística e as ciências das formações sociais, trabalhando conceitos exteriores ao domínio da linguística. Ela interroga essas três regiões pelo que não consideram. Nesse ponto,

[...] interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2007, p. 20).

Nesse aspecto, embora a AD tenha a linguística em sua veia embrionária, dela se afasta por estar filiada a outras regiões do conhecimento. Ela pressupõe a Linguística, pois compreende a língua como um sistema significante. Para Orlandi (2007), não podemos não estar sujeitos à linguística, isto é, aos seus equívocos, à sua opacidade, pois não existe neutralidade nem no uso mais cotidiano do símbolo. A autora compreende o discurso como o movimento dos sentidos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, incerteza, de hábitos, de ancoragem e de vestígios.

A AD, segundo Orlandi (2007), observa a linguagem a partir da concepção de que a língua é ideologia, e tal atributo a faz significar muitas coisas diferentes. Nesse item, a língua é vista pela análise do discurso de Linha francesa como uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social e a mediação é o discurso. Deste modo, sendo o discurso a materialidade específica da ideologia e a materialidade do discurso, a língua, constitui-se, então, uma tríade língua-discurso-história. Nesse ponto, o que a AD tenta compreender é como se produz o trabalho simbólico e ideológico na língua, fazendo com que nela se produzam sentidos.

Nesse ponto, é proveniente da psicanálise a contribuição para que se perceba o deslocamento que ocorre da noção de indivíduo para a de sujeito, constituída na historicidade, na relação com o simbólico. Pêcheux (1969) compreende que não há discurso sem sujeito nem há sujeito sem o atravessamento da ideologia e é assim que a língua faz sentido. Esse sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia, pois ele é descentrado e afetado pelo real da história, não podendo controlar o modo como ela o afeta. Para Pêcheux (1969), o discurso é o efeito de sentidos entre locutores, é estrutura e acontecimento.

A AD foi fortemente influenciada por duas fortes vertentes: do lado do discurso, os conceitos de Michel Foucault e do lado da ideologia, os conceitos postulados pelo teórico Louis Althusser. A partir das análises dos trabalhos desses dois teóricos, Pêcheux (1969), elaborou e consolidou seus conceitos. Dessa maneira, a AD compreende o sujeito como sendo atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, assim seu sujeito não é *uno* ou do *cogito*, da razão, mas é considerado um sujeito descentrado, cindido, clivado. Ele não se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, pois, esses processos são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante se inscreve, embora esse sujeito possua a ilusão

de ser a fonte ou origem do seu discurso, como bem definiu o autor ao falar dos esquecimentos número um e dois³.

De acordo com Mussalim (2003), a AD inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Do exposto, a AD entende o sujeito, a linguagem e os sentidos como partes de um todo interacional e indissociável. Seu sujeito é clivado porque é dividido entre o “eu” e “o outro”, e nisso o discurso se configura como a relação entre sujeitos e sentidos entendidos como aquilo que insere o linguístico em articulação com a história, com a ideologia. Nesse trâmite, a AD concebe a linguagem como um lugar de conflito e opacidade que, com a conjunção da história, constitui, por sua vez, um sujeito descentrado, dividido, incompleto.

O papel da memória discursiva

Para a construção do discurso, o sujeito dependerá, constitutivamente, de suas condições de produção, levando-se em consideração que o que garante a especificidade da AD é a relação que o analista estabelece entre o discurso e a sua condição de produção. Orlandi (2005) salienta que as condições de produção compreendem fundamentalmente o sujeito e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer as condições de produção, tornando-se fundamental. Podem-se considerar as condições de produção em sentido estrito e têm-se as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato.

É nesse ponto que o sentido não existe em si. Ele é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas e pelo fato de que o sentido não é único, já que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam. Nesse enfoque, a linguagem possibilita o aparecimento de deslocamentos em condições de produção específicas. No entanto, pela natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem, não há garantia de uma determinada produção de sentidos, ou da geração de um deslocamento específico (ou mesmo de qualquer deslocamento) nessa produção.

Nesse direcionamento, o papel da memória discursiva é constitutivo na produção do discurso. Ressalta-se que este artigo deve ser observado e compreendido à luz da perspectiva

³ 1. O esquecimento nº 1, para Pêcheux (1995) é o que posiciona o sujeito como sendo a origem do que diz, a fonte única do sentido do seu discurso. Nesse sentido, temos a ilusão de que o que falamos não vem de outros discursos anteriores e já-ditos. Já o esquecimento nº 2 conduz o sujeito a utilizar estratégias para explicar melhor o que pensa, acreditando que o que diz tem um sentido único. Ambos são esquecimentos necessários e constituintes do discurso do sujeito, de acordo com Pêcheux (1995).

da análise do discurso de linha francesa. Assim, assume o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao salientar que:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Isso posto, para Pêcheux (1999) todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Nesse item, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, quando não conseguimos recuperar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*. Ainda que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele flui naturalmente. Assim, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2001) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso.

Pêcheux (1999) também compreende a memória discursiva, nesse ponto, enfatizada como interdiscurso. De outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo “já-dito”, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos. Em razão disso, a memória e, conseqüentemente, o interdiscurso são responsáveis diretos pela constituição do sentido, como bem atenta Orlandi (2001, p. 33): “a constituição determina a formulação, levando-se em consideração que só se pode dizer (formular), colocando-se na perspectiva do dizível (memória, interdiscurso)”.

O conceito de identidade nos estudos culturais

Orlandi (2005) nos apresenta a AD como uma disciplina de entremeios. Neste trâmite, reterritorializa noções externas, estabelecendo o diálogo com outras áreas. Logo, para discutirmos questões concernentes ao sujeito, ao discurso e à identidade, é possível trafegarmos acompanhados dos Estudos Culturais. De acordo com Silva (2003), a identidade se constitui pela diferença, sendo esta, pois, a condição de existência daquela. A identidade e a diferença são, portanto, produtos sociais, que são “fabricados” pela/na linguagem.

Neste aspecto, ele ainda acrescenta:

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. [...] Somos nós que as fabricamos no contexto de relações culturais e sociais. (SILVA, 2003, p. 76 -78).

Nesse sentido, salientamos que a identidade só adquire sentido se relacionada ao outro, ao que está noutro lugar e nos discursos sociais em que é produzida, assim como mostra sua indissociável relação com a Historicidade. Do exposto, fica evidenciado que tanto a AD quanto os Estudos Culturais compreendem a identidade como uma construção discursiva, constitutiva na historicidade, o que permite e favorece o amigável diálogo entre a AD e os Estudos Culturais. No que se refere, ainda, à identidade, é salutar destacar que na sociedade atual, contemporânea, não há mais a compreensão de uma identidade rígida, unificada, entende-se que as identidades estão em permanentes movimentos, são cambiantes.

Nesta compreensão, torna-se fundamental frisar que não há identidade sem sujeito, assim como também não há sujeito sem discurso. Logo, tanto a AD quanto os estudos culturais também dialogam na compreensão de um sujeito não individualizado, empírico, mas um ser do discurso. Logo, um sujeito clivado, múltiplo, disperso, de semelhante modo às suas identidades. A identidade é um processo cultural, construída nos discursos sociais que circulam na sociedade. De acordo com Baracuhy (2010, p. 171), “em interface com os Estudos Culturais, a AD vai propor estudar a identidade como uma construção discursiva, histórica, sempre múltipla, heterogênea, instável”.

É neste aporte que Hall (1997, p. 4), afirma que a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente.” a identidade é uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, isto é, as identidades são posicionamentos que assumimos, pois são históricas, materializadas em circunstâncias e experiências vividas. Assim sendo, o sujeito é interpelado em seu fazer histórico-social e a identidade é construída e cambiante, de acordo com Hall (2007, p. 13): “através de diferentes discursos, práticas e posições interligadas ou antagônicas.” Dessa forma, não são as (in)formações genéticas que fazem o sujeito ser ou sentir-se tricolor, mas sua posição marcada pela historicidade denunciada a partir de uma memória discursiva, presente nas condições de produção deste discurso circulado na mídia como sua identidade marcada nas imagens atuais, objeto de estudo deste artigo.

Aspectos metodológicos

A partir da posição teórica e analítica da AD, dialogando, principalmente, com Pêcheux (1969; 1995; 1999), Orlandi (2001; 2005), Bauman (2005), Hall (2001), Silva (2003), analisam-se 4 (quatro) imagens de torcedores do Santa Cruz Futebol publicadas no ano de 2014, no site oficial do clube e em outros sites, como Espelhos de uma Nação; Jornal marca.com; Jornal The Guardian; Santa Cruz, cujos links se encontram referidos mais adiante. O critério de escolha foi selecionar imagens que apresentam um discurso desportivo acerca dos torcedores tricolores que mudam de posição-sujeito para enunciar. Como se trata de AD, não se objetiva um quantitativo dos dados, mas sim, a regularidade do fenômeno pesquisado, uma vez que este trabalho se assume como de cunho qualitativo, ou seja, sem intenção de generalizar dados.

Dessa forma, haverá uma mobilização de concepções da AD, tais como: posição-sujeito, memória discursiva, formação discursiva, a partir da análise das imagens selecionadas como *corpus* do trabalho.

Análise de um *corpus* discursivo

O torcedor coral, sujeito que ocupa esta função social, assume novas práticas sociais no ambiente desportivo brasileiro ao mudar de posição-sujeito, criando novas identidades para produzir sentidos. Basta observar como o sujeito-torcedor tricolor é apresentado na sequência seguinte:

Imagens extraídas do site oficial do clube. Disponível:
www.santacruzpe.com.br/torcida/torcedores-simbolos
Acessado em 01 de fevereiro de 2018.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

Conforme bem compreende Gurgel (2009, p. 203), “o esporte como espetáculo gera um show de imagens, que é ingrediente perfeito para o entretenimento na sociedade contemporânea”. Na ótica da AD, essas imagens atuam como operadoras de memórias, pois estão retomando posições-sujeitos em uma rede de memórias e reatualizando-as, redefinindo-as na memória do presente. Tais imagens funcionam como unidade de sentido em relação à situação. É através dessas imagens que podemos observar sujeitos tricolores assumindo novas

identidades na produção de sentidos. Vale ressaltar que é instigante analisar essa relação necessária e constitutiva entre identidade, discurso e memória.

Do exposto, percebe-se que na Imagem 1, a posição-sujeito de Jesus tricolor é mostrada em meio aos outros sujeitos torcedores do Santa Cruz, contudo os demais torcedores mostram as suas marcas de identidade por meio das camisas do clube e bandeiras, numa posição-sujeito ocupada no estádio que os deixam geograficamente abaixo do Jesus tricolor, que se mostra acima de todos com os braços abertos, favorecendo a produção do efeito de sentido de docilidade, abençoando o povo tricolor e bem caracterizado, vestido com a indumentária que é circulada na mídia, em geral, como sendo uma indumentária semelhante à de Jesus Cristo. Isso marca a posição de distinção entre o Jesus tricolor (coroa de espinhos, faixa vermelha, vestido branco) e os demais tricolores (camisas desportivas, bonés, bandeiras, bermudas), favorecendo a produção de novas identidades, pois, de acordo com Silva (2003), a identidade se constitui pela diferença, sendo esta, pois, a condição de existência daquela.

É pertinente destacar que, ao enunciar a partir desta posição-sujeito, ele se inscreve na historicidade para produzir sentidos, já que como bem compreende Pêcheux (1969), os sentidos são sempre históricos. Logo, há um eco do passado que historicamente inscreve-se no sujeito Jesus, que é acionado por meio da memória discursiva como aquele que veio para o povo, ou seja, para todos, favorecendo o deslizamento de sentido que aponta o Santa Cruz como o *Time do Povo*, o *Time da Inclusão Social*, alcunhas amplamente difundidas pela mídia brasileira. Assim, essa tomada de posição de torcedor tricolor tradicional para o Jesus tricolor faz ressoar ecos da posição-sujeito de Jesus no cristianismo, promovendo um atravessamento de valores do discurso religioso no discurso desportivo brasileiro, contudo ocorre um deslocamento de sentido proporcionado por uma reatualização, pois não se trata do Jesus Cristo da Bíblia, do cristianismo, mas de um sujeito que se inscreve na posição de Jesus tricolor e que enuncia deste lugar. Do exposto, Orlandi (2001) aponta que toda vez que se coloca o que é já-dito noutra formação discursiva, há um deslocamento de sentido.

Na imagem 2, podemos observar o que nos aponta Baracuhy (2010), ao dizer que a identidade é uma construção discursiva, histórica, sempre múltipla, heterogênea, instável, pois, neste caso, temos a imagem de outro sujeito que se desidentifica da posição-sujeito tradicional de torcedor do Santa Cruz, todavia não se inscreve na posição-sujeito de Jesus. Ele se desidentifica desta posição tradicional para se inscrever e enunciar a partir da posição-sujeito de Homem-Aranha tricolor, marcando sua posição em meio aos demais torcedores corais. Ele, vestido com os trajes do Homem-Aranha e os demais sujeitos tricolores vestidos com roupas

deste time de futebol, marcando, assim, a diferença entre as identidades apresentadas em suas posições-sujeito, já que conforme compreendem Bauman (2005), Hall (2001) e Silva (2003), a identidade se constitui pela diferença, pelo outro.

A imagem mostrada do Homem-Aranha tricolor, segurando uma faixa escrita com a palavra “Paz”, reatualiza o mundo dos personagens da “Liga da Justiça”, promovendo a circulação de um novo dizer, que aponta para a exterioridade, para o já-dito noutra lugar, conforme compreende Pêcheux (1969), ao dizer que alguma coisa fala antes em outro lugar independente e diferentemente. Assim, nessa imagem, o interdiscurso é acionado nessa relação constitutiva na historicidade, pois essa imagem significa ao enunciar, inscrevendo-se numa memória. Logo, pode-se dizer que essa memória se diz na imagem, que funciona como unidade de sentido em relação à situação, pois ecos históricos ressoam acontecimentos já passados.

O Homem-Aranha é um super-herói, chamado de Peter Parker, que vivia num pequeno bairro em Manhattan. Quando ele ainda era um garoto de 15 anos e morava com seus Tios Ben e May, estava indo a um passeio escolar no laboratório do Dr. Curt Connors, o qual estava fazendo experimentos com um raio radioativo; contudo, bem em cima da máquina que estava produzindo o raio, havia uma aranha que desceu com sua teia e caiu no raio. Logo, o raio a deixou radioativa e ela picou Peter, que adquiriu grandes poderes e passou a usá-los para o bem da humanidade.

Do exposto, observa-se que, por meio da retomada dos dizeres, é possível estabelecer diferenças no discurso, a partir de um desnivelamento originado entre o dizer que se *apaga* e o dizer que sugere e sustenta novos atos de discursivização, tendo em vista que o Homem-Aranha é inserido em um novo acontecimento enunciativo. As características dele assumem novos sentidos, o seu uniforme é apresentado ressignificado, favorecendo a polissemia. Assim, o seu uniforme passa a possuir um escudo do Santa Cruz Futebol Clube do Recife, desse modo, o Homem-Aranha passa a ter a função utilitária de defender o time do Santa Cruz contra os outros times desportivos, estabelecendo, por meio de uma rede de memórias, um diálogo entre o mundo dos super-heróis e o ambiente desportivo brasileiro, pois, agora, trata-se de um sujeito torcedor que assume uma nova identidade, a de Homem-Aranha tricolor.

A memória discursiva é acionada para que se estabeleçam novos dizeres, pelo interdiscurso, pela compreensão do já-dito. De acordo com Orlandi (2005, p. 31), “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Nesse ponto, a imagem mostra o personagem Homem-Aranha inserido no ambiente social dos torcedores do Santa Cruz Futebol Clube, que passa a vivenciar os hábitos

naturais urbanos dos torcedores nordestinos, de forma solidária, pedindo a paz entre as torcidas de futebol.

Baracuhy (2010, p. 172) entende que “todo processo identitário se constrói vinculado a uma rede de memórias que o ancora e legitima”. Logo, na imagem 3, temos a presença de outro sujeito torcedor, que se insere noutra posição-sujeito por meio de uma tomada de posição de torcedor tradicional para o Super-Santa, numa relação constitutiva na historicidade que aponta para o super-herói Super-Homem: herói que veio a se tornar um mito não só norte-americano da cultura de massa, mas num âmbito quase que mundial, tornando-se o modelo de super-herói em sua essência. Assim como na imagem 1 e na imagem 2 analisadas, vemos que a imagem 3 também apresenta os traços identitários dessa nova posição-sujeito assumida (uma capa preta, um capacete e um escudo no peito com a inscrição: “Super-Santa”), ressignificando o escudo do Super-Homem ao modificar o termo: “Homem”, para “Santa”. Logo, ocorre um deslizamento de sentidos que reverbera, por meio da exterioridade, num super-herói, que assume a identidade ressignificada de Super-Santa. Assim, os dizeres estão disponíveis, não no próprio sujeito, mas sim no outro, na memória discursiva.

Desse modo, Baracuhy (2010) nos mostra que não é qualquer um que tem o poder de enunciar. É preciso ter o poder na posição que lhe permite e favorece. Logo, a partir da posição-sujeito de super-herói, o Super-Santa se posiciona como um sujeito desejante de completude, que busca na força desta posição-sujeito de herói, uma nova identidade para apoiar o Santa Cruz na vitória contra os outros times desportivos. Logo, ocorre o deslocamento de uma forma-sujeito para outra, pois não se trata do Super-Homem, que ajuda a todos, com equidade, a superarem os seus obstáculos em suas práticas sociais, mas se trata, agora, do Super-Santa, um novo herói identificado ao seu clube desportivo, pronto a defendê-lo, exclusivamente, diante dos demais times de futebol. Assim, o símbolo do escudo do Santa Cruz em seu uniforme, na região do seu peito, aponta para a sua identificação ao Santa Cruz Futebol Clube e promove o encontro de uma memória atual inscrita numa rede de memórias, intervindo como pressuposto para apontar para a exterioridade.

Por fim, na imagem 4, temos outro sujeito torcedor que se desidentifica da posição-sujeito tradicional de torcedor coral e se identifica a uma nova posição-sujeito, a de Elvis Presley tricolor, favorecendo a produção desta nova identidade desportiva. É pertinente observar que ele é mostrado nessa imagem em meio aos outros torcedores tricolores que estão vestidos com camisas do Santa Cruz e roupas tradicionais de ir a um estádio de futebol, contudo ele marca a sua posição identitária, usando indumentárias semelhantes às do astro pop do roque

internacional, Elvis Presley (macacão branco, óculos escuros grandes e uma faixa vermelha na cintura), marcando, dessa forma, a diferença entre a sua identidade assumida e a identidade dos demais torcedores tricolores que estão a sua volta, conforme Bauman (2005) e Hall (2001), ao dizerem que a identidade se constitui pela diferença. Aqui, também há um deslocamento de sentidos, pois não se trata do cantor Elvis Presley americano, mas do Elvis Presley tricolor que, ao enunciar a partir desta posição-sujeito, contribui para a proliferação do efeito de sentido de aprovação midiática ao Santa Cruz, pois, reatualizado, o rei do “pop star” torce para o Santa Cruz Futebol Clube.

É importante pontuar que o ato dos sujeitos tricolores de mudarem da posição-sujeito tradicional para as posições analisadas neste artigo, vai muito além de mostrar aos outros sujeitos torcedores uma simples preferência clubística, é uma inscrição do histórico, de um pertencimento, de uma identidade móvel, que se torna um traço distintivo de grande força dessa imensa torcida coral, destacada pela imprensa nacional e internacional, pois, conforme compreende Hall (1997, p. 12-13), a identidade é uma "celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam". É nesse enfoque que as novas identidades inscritas por esses sujeitos torcedores do Santa Cruz Futebol Clube são posicionamentos assumidos, pois são históricos, materializados em circunstâncias e experiências vividas (Jesus tricolor, Homem-Aranha tricolor, Super-Santa e Elvis Presley tricolor).

Assim, esses sujeitos são interpelados em seu fazer histórico-social e essas identidades são construídas e cambiantes, ainda de acordo com Hall (2007, p. 13): “através de diferentes discursos, práticas e posições interligadas ou antagônicas”. Logo, a AD, nessa interface com os Estudos Culturais, compreende que as marcas analisadas nessas imagens carregam o social, o ideológico e o histórico da posição que esses sujeitos (Jesus tricolor, Homem-Aranha tricolor, Super-Santa e Elvis Presley tricolor), ocupam no espaço desportivo, pois, conforme salientou Pêcheux (1999), é pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui, passando a enunciar a partir de suas posições-sujeito. É pertinente lembrar que Pêcheux (1969) chama de posição-sujeito a relação da identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito). Nesse item, o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. como nos apontam Pêcheux (1969) e Orlandi (2005).

Considerações finais

Levando-se em consideração o que salienta Baracuhy (2010), ao dizer que um dos maiores desafios que a AD enfrenta frente à sociedade midiática atual são as novas materialidades e pluralidades de objetos, este artigo buscou se distanciar dos inúmeros trabalhos sobre o discurso político, publicitário, pedagógico ou religioso e se destinou a analisar materialidades discursivas inseridas no campo pouco estudado pelos analistas de discurso no Brasil, que é o discurso desportivo brasileiro.

Assim, foram analisadas quatro imagens de torcedores do Santa Cruz Futebol Clube (time pernambucano também chamado de “time do povo” ou “mais querido”), observando os efeitos de sentidos produzidos a partir da mudança de posição de torcedores tradicionais (aqueles que vão aos estádios com camisas, faixas e bandeiras de times de futebol), para inscreverem-se na posição-sujeito de super-heróis, religiosos, ou ainda artístico-midiáticos (Homem-Aranha, Super-Santa, Jesus, Elvis Presley), proporcionando, assim, a criação e circulação de novas identidades nas condições de produções do discurso desportivo brasileiro. É desse modo que essa torcida tricolor (também chamada de “torcida coral” ou “torcida mais apaixonada do Brasil”) produz sentidos numa relação constitutiva na historicidade, que aponta para a exterioridade.

Nesse ponto, é numa interface entre a AD e os Estudos Culturais que a tomada de posição desses sujeitos analisados promove vários efeitos de sentidos (efeito de aprovação ao clube, de proteção, de divulgação, de destaque midiático, efeitos culturais religiosos, efeitos passionais etc.). Para tal, a memória discursiva ocupa papel constitutivo ao recuperar o que está na exterioridade, no já-dito noutra lugar, conforme já nos apontou Pêcheux (1969), ao dizer que alguma coisa fala antes em outro lugar independente e diferentemente.

Desse modo, analisou-se que essas quatro materialidades discursivas, embora tragam um já-dito cristalizado nas práticas culturais dos heróis, dos astros *pop stars* e dos religiosos cristãos, são reatualizadas e inscritas em novas condições de produção do discurso desportivo, que, ao promover o encontro de uma atualidade com uma rede de memórias, inscritas na historicidade, provoca um deslocamento, produzindo ressignificações. Assim, passa-se a ter o Jesus tricolor que abençoa os torcedores do Santa Cruz no estádio do Arruda, no Recife, o Homem-Aranha tricolor que pede paz entre as torcidas e incentiva os torcedores a vibrar, o Super-Santa que salva o time de perder os jogos e o Elvis Presley tricolor que canta as músicas tricolores e grita gol.

Referências

ALVES, Givanildo. **História do Futebol em Pernambuco**. Recife: Bagaço, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BARACUHY, Maria Regina. Análise do Discurso, **Revista Veredas** – PPG LINGÜÍSTICA/UFJF, Juiz de Fora, 2/2010, p. 167-177, ISSN 1982-2243.

BRITO, João Gabriel da Silva; MACIEL, Betânia. **Folkcomunicação, mídia e futebol: análise dos Torcedores do Santa Cruz como expressão cultural e popular**. Trabalho apresentado no GT 1 no Congresso da ALAIC, UFRPE, Recife, 2014.

CAMPEAN, Frederico. **Discurso do Futebol. Identidade Nacional, Imaginário, Memória e Produção de Sentidos: Em Busca de um Discurso Fundador do Futebol Brasileiro** / Frederico Antonio Pereira Campean. Dissertação de Mestrado. Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí / Univás, 2012.

ESPELHOS de uma Nação: torcedores Símbolos do Santa Cruz Futebol Clube. Disponível em: <http://www.santacruzpe.com.br/torcida/torcedores-simbolo>. Acessado em 02 de fevereiro de 2018.

GURGEL, A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Revista Motrivivência**, 21, 32, 33, 2009: 193- 210

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

Jornal [marca.com](http://www.marca.com). Disponível em http://www.marca.com/2011/10/01/futebol/futebol_internacional/america/1317459083.html Acesso em 02 fev. 2018.

Jornal The Guardian. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/2016/apr/12/santa-cruz-brazil-james-young> Acesso em 02 fev. 2018.

Jornal do Comercio blog do torcedor Disponível em <http://blogs.ne10.uol.com.br/torcedor/2015/08/08/santa-cruz-bate-recorde-de-publico-na-serie-b/> Acesso em 02 fev. 2018.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HACK, Tony (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990. p. 59-158.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et AL. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

RODRIGUES, K.C. **Esporte e folkcomunicação**: o futebol mostra a brasilidade. Revista Internacional de Folkcomunicação, 11 (24), 2013, p. 66-81.

SANTA Cruz. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2011/12/santa-cruz-chega-ao-fim-de-2011-liderando-media-de-publico-no-brasil.html> Acesso em 02 fev 2018.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.